

Revista AJUFE de

Cultura

Ano 11 - Maio de 2020 - Nº 13

**_NARA LEÃO, UM PÁSSARO
CHEIO DE OPINIÃO**

*Crítica à ditadura militar, pela
desembargadora federal Inês Virgínia*

_AUTISMO

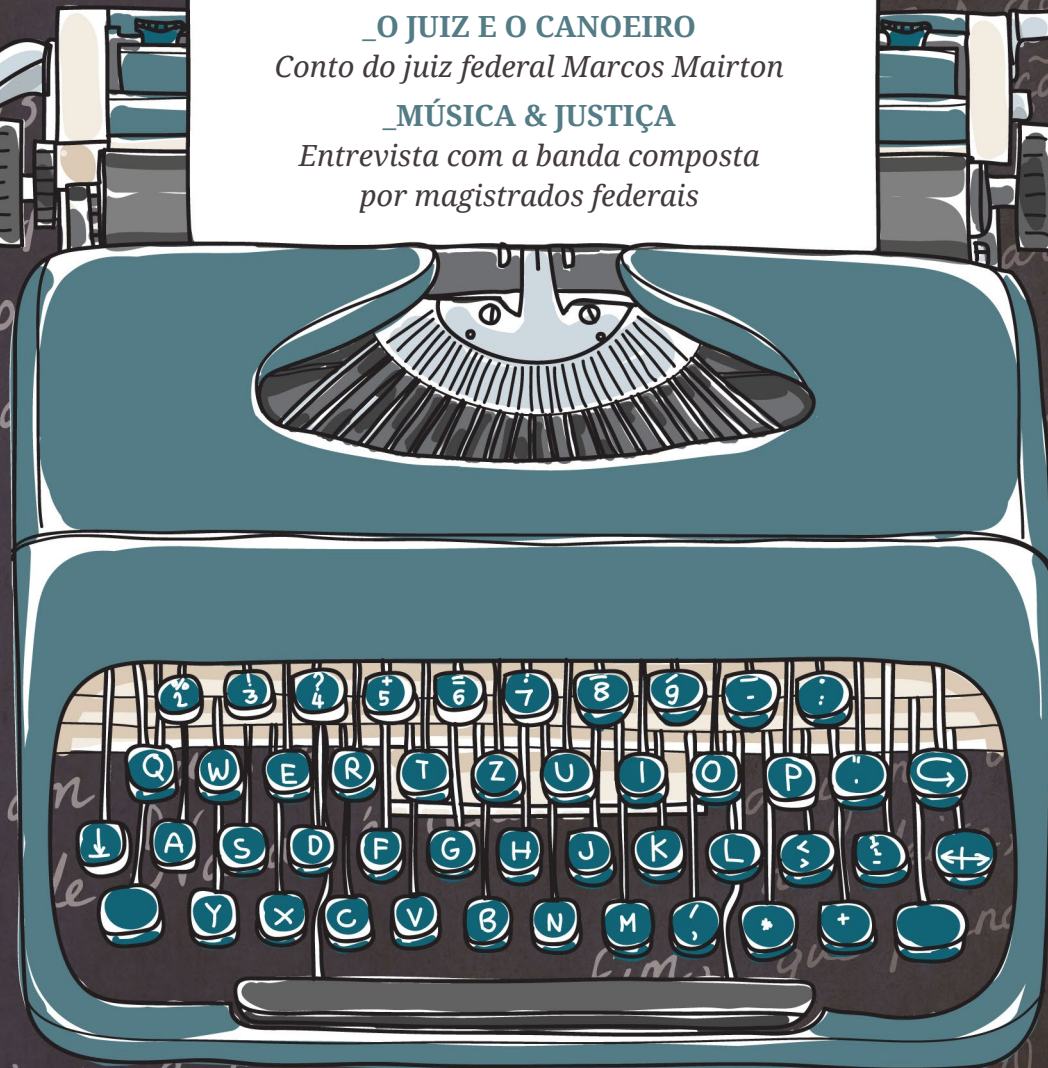
Versos da juíza federal Manoela Araújo Rocha

_O JUIZ E O CANOEIRO

Conto do juiz federal Marcos Mairton

_MÚSICA & JUSTIÇA

*Entrevista com a banda composta
por magistrados federais*





Diretoria da AJUFE - Biênio 2018/2020

Presidente

Fernando Marcelo Mendes

Diretor Cultural

Ilan Presser

Vice-Presidente da 1ª Região: Newton Pereira Ramos Neto

Vice-Presidente da 2ª Região: Flávio Oliveira Lucas

Vice-Presidente da 3ª Região: Carlos Eduardo Delgado

Vice-Presidente da 4ª Região: Patrícia Helena Daher Lopes Panasolo

Vice-Presidente da 5ª Região: Júlio Rodrigues Coelho Neto

Diretoria

Secretário-Geral: Rodrigo Machado Coutinho

Primeiro Secretário: Eduardo André Brandão de Brito Fernandes

Tesoureiro: Frederico José Pinto de Azevedo

Revista: Cristina de Albuquerque Vieira

Social: Aline Alves de Melo Miranda Araújo

Relações Internacionais: Clara da Mota Santos Pimenta Alves

Assuntos Legislativos: Nelson Gustavo Mesquita Ribeiro Alves

Relações Institucionais: Lincoln Rodrigues de Faria

Assuntos Jurídicos: Marcelo Adriano Micheloti

Esportes: Antônio José de Carvalho Araújo

Assuntos dos Aposentados: Vera Lucia Rocha Souza Jucovsky

Comunicação: Paulo André Espírito Santo Bonfadini

Administrativo: Alexandre Berzosa Saliba

Tecnologia da Informação: Marcelo Velasco Nascimento Albernaz

Coordenadora de Comissões: Regilena Emy Fukui Bolognesi

Prerrogativas: Monique Marchioli Leite

Suplente: Rodrigo Pessoa Pereira da Silva

Suplente: Rodrigo Reiff Botelho

Suplente: Richard Rodrigues Ambrosio

Suplente: Rafael Chalegre do Rêgo Barros

Conselho Fiscal

Adél Américo Dias de Oliveira

Otávio Henrique Martins Port

Rodrigo Maia da Fonte

Leandro Cadenas Prado (suplente)

Antônio Henrique Correa da Silva (suplente)

Sílvio Coimbra Mourthé (suplente)

Expediente

Edição virtual da

Revista AJUFE de Cultura nº 13 - 2020

Ano 11 - Maio de 2020 - nº 13

Coordenação e edição: Priscilla Peixoto

Projeto Gráfico e diagramação: Lucas Soares

Revisão: Eduardo Gomes

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, as opiniões da revista ou da Ajufe.

É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos e ilustrações sem prévia autorização.

Revista não destinada à venda, com veiculação digital realizada pela Associação dos Juizes Federais do Brasil - Ajufe.

APRESENTAÇÃO

Presidente da Ajufe

Fernando Marcelo Mendes

Colegas,

Apresento-lhes a nova edição da Revista de Cultura da Ajufe, que segue o modelo virtual, implementado ano passado, podendo ser acessada de qualquer computador ou celular.

Neste difícil momento que vivemos, nossa revista tem o objetivo de oferecer um alento diante da crise gerada pelo novo coronavírus, e de plantar sementes, ainda que em palavras ou expressões poéticas, de esperança em meio a tantas dificuldades.

Convido a todos a apreciarem poemas, textos literários, contos e fotografias dos nossos magistrados e magistradas, além de registros feitos também por nossos colaboradores da Ajufe.

Boa leitura a todos!

Diretor Cultural

Ilan Presser

Em meio ao caos inesperado, causado pela pandemia do coronavírus, que afeta a nossa rotina e os nossos propósitos, é com muita honra, alegria e satisfação que a AJUFE oferece um sopro de poesia, arte e cultura.

Em mais uma edição da Revista de Cultura da Ajufe almejamos apresentar, através de versos, contos e entrevistas a visão das juízas e juízes federais através das suas expressões culturais e artísticas.

E colaborar para desconstruir o senso comum de que o Judiciário é hermético e distante da comunidade em que atua. Ao contrário, a Justiça Federal visa a se aproximar com a coletividade; para desempenhar melhor a sua função de dar a cada um o que é seu. Por isso, a Revista também almeja colaborar para a aproximação entre o juiz e a coletividade. Tal simbiose se dá porque a justiça se mede justamente na experiência social. E a jurisprudência não pode ser outra manifestação, que não a experiência humana do justo.

Nessa conjuntura adversa, procuramos encurtar as distâncias impostas pelo isolamento social, ao trazer a lume a vertente das expressões artísticas e culturais dos juízes, que não raro é desconhecida do grande público. Boa viagem de leitura e entretenimento a todas e a todos.

Sumário

<i>Nara Leão, um pássaro cheio de opinião: rima, inspiração ou solução?</i>	<u>.....5</u>
<i>Por que eu te ouviria?</i>	<u>.....8</u>
<i>Autismo</i>	<u>.....9</u>
<i>Sem título</i>	<u>.....10</u>
<i>Vermelho</i>	<u>.....10</u>
<i>Querem apagar vagabundos</i>	<u>.....11</u>
<i>O juiz e o canoeiro</i>	<u>.....12</u>
<i>Nereida: lamento por uma efêmera paixão</i>	<u>.....14</u>
<i>Entrevista - Música & Justiça</i>	<u>.....15</u>
<i>Soulsambrasil</i>	<u>.....16</u>
<i>A vida como ela é</i>	<u>.....17</u>
<i>Viola de cocho</i>	<u>.....18</u>
<i>Elísio e Rita</i>	<u>.....19</u>
<i>Amor em segunda instância</i>	<u>.....21</u>
<i>Declaração</i>	<u>.....22</u>
<i>Dualidade</i>	<u>.....22</u>
<i>A última não música</i>	<u>.....23</u>
<i>Há muito tempo, numa galáxia muito distante...</i>	<u>.....26</u>
<i>Cliques o ano todo</i>	<u>.....29</u>

NARA LEÃO, UM PÁSSARO CHEIO DE OPINIÃO: *rima, inspiração ou solução?*

Por Inês Virgínia Prado Soares

APELO (excerto)

*“Meu honrado marechal
dirigente da nação,
venho fazer-lhe um apelo:
não prenda Nara Leão (...)*

*A menina disse coisas
de causar estremeção?
Pois a voz de uma garota
abala a Revolução?
Narinha quis separar
o civil do capitão?
Em nossa ordem social
lançar desagregação?*

*Será que ela tem na fala,
mais do que charme, canhão?
Ou pensam que, pelo nome,
em vez de Nara, é leão? (...)*

*Que disse a mocinha, enfim,
De inspirado pelo Cão?
Que é pela paz e amor
e contra a destruição?*

*Deu seu palpite em política,
favorável à eleição
de um bom paisano – isso é crime,
acaso, de alta traição?*

*E depois, se não há preso
político, na ocasião,
por que fazer da menina
uma única exceção? (...)*

*Nara é pássaro, sabia?
E nem adianta prisão
para a voz que, pelos ares,
espalha sua canção.
Meu ilustre marechal
dirigente da nação,
não deixe, nem de brinquedo,
que prendam Nara Leão.”*

Carlos Drummond de Andrade

Nara Leão ficou tão impactada com o quadro A Bela Lindonéia (ou A Gioconda do Subúrbio), de Rubens Gerchman (1966), que pediu a Caetano e Gilberto Gil que fizessem uma canção inspirada na pintura. Em 1968, no disco *Tropicália ou Panis et Circensis* (Phillips), Nara emprestava sua doce voz ao bolero Lindonéia.

Dentre tantos traços marcantes da imagem de Lindonéia, que transmite mensagens cruas e duras do momento de repressão vivido pela sociedade brasileira nos anos de 1960, a jovem tem um dos olhos sombreados, possivelmente indicando uma agressão.

Na música, o cenário por onde Lindonéia vive (ou passa) é desalentador, violento: “Despedaçados/ Atropelados/ Cachorros mortos nas ruas/ Policiais/ vigiando/ sol batendo nas frutas/ Sangrando”.

A partir da arte de Gerchman, Nara Leão, Caetano e Gil lançavam luzes para a realidade de mulheres brasileiras de carne e osso que, assim como Lindonéia, por serem consideradas oponentes ao regime militar, eram presas, torturadas, estupradas, desapareciam, sofriam exílios, homicídios e banimentos.

Lindonéia, cantada e pintada, também representa as mulheres que simplesmente resistiam ao cotidiano repressor: iam à feira, eram bonitas, levavam seus filhos à escola, frequentavam os bancos escolares e os movimentos estudantis, iam aos bailes e aos festivais de música.

Eram mulheres que viviam e sobreviviam às violências de uma ditadura, desempenhando tarefas ordinárias e cotidianas, não somente no âmbito doméstico mas também nos espaços públicos.

Realizar o desejo de cantar as “Lindonéias” espalhadas pelo Brasil, em 1968, está longe de ser a mais expressiva postura de resistência e oposição de Nara Leão ao regime militar.

Desde o finalzinho dos anos cinquenta (e com apenas 15 anos), Nara cantava bossa nova. Nos anos sessenta, sentiu necessidade de outras experiências, especialmente de usar sua arte para protestar.

Ao irritar os seus companheiros de bossa nova com declarações de que o movimento musical lhe dava sono, a partir de 1964, Nara deu novo sentido à sua trajetória e abraçou um repertório com sambas de morro e também com músicas de Edu Lobo e Carlos Lyra, compositores engajados politicamente.

Com essa mudança, Nara “se tornou uma das principais lideranças do engajamento musical, canção de protesto, de 1964 a 1966. Pendeu para debates culturais e artísticos. Criticava que se cantasse o amor, o sorriso, a flor diante da situação política, que era tensa. A bossa nova era mais leve, fruto de um cotidiano zona sul”. (<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/04/06/nara-leao-da-voz-historia-do-seu-tempo>).

Foi nesse momento, em dezembro de 1964, que Nara estreou no Teatro Arena, com o show Opinião, ao lado de Zé Ketí e João do Vale, sob direção musical de Dori Caymmi e direção geral de Augusto Boal. O samba com título homônimo ao do espetáculo lançava luzes para um problema social até hoje atualíssimo: o direito à moradia e as respostas estatais (inclusive respaldadas por ordens judiciais): “podem me prender/ podem me bater / podem até deixar-me sem comer / que eu não mudo de opinião/ daqui do morro eu não saio não”.

A indicação, no refrão da canção, da tortura como prática estatal também é uma leitura possível e pertinente. Afinal, nem agora (nem antes) seria possível pensar que pela força podemos mudar de opinião...no pior cenário, podemos calar a opinião...de vez em quando, o medo vence.

No II Festival de Música Brasileira (Record, 1966), Nara interpretou com Chico Buarque a música A Banda, que dividiu o prêmio de primeiro lugar no festival com a música Disparada; de Geraldo Vandré e Théo de Barros, interpretada por Jair Rodrigues. Música vibrante e cheia de esperança, com a chamada para esquecer do cotidiano e ver a Banda passar tocando coisas de amor.

Nesse mesmo ano de 1966, em maio, a artista deu uma entrevista para o Diário de Notícias, que ganhou o título de “Nara é de opinião: Esse Exército não vale nada”. Na matéria defendeu que os militares “podiam entender de canhão ou de metralhadoras, mas nada pescavam de política”. Ainda declarou que os militares deveriam sair do poder e disse que “Meu violão é a única arma que tenho; meu campo de guerra é o palco.” (Dossiê Drummond, de Geneton Moraes Neto, Ed. Globo)

As palavras da cantora irritaram os poderosos e a colocaram numa situação de perigo. Como se sabe, a ditadura brasileira, que começou em 1964 e durou até 1985, foi um período marcado por supressão de direitos e práticas estatais de graves violações de direitos humanos, com ampla repressão contra pessoas vistas como opositoras do regime militar.

Para defender Nara, que depois dessa matéria do Diário de Notícias fora formalmente ameaçada de processo, os intelectuais e artistas elaboraram um abaixo-assinado endereçado ao Marechal-presidente Castelo Branco. Carlos Drummond de Andrade, além de assinar documento, também publicou um poema-manifesto que minimizava o poder das palavras de Nara e destacava ser impossível calar a artista: “Meu honrado marechal/ dirigente da nação,/ venho fazer-lhe um apelo: /não prenda Nara Leão (...)/A menina disse coisas de causar estremeção?/ Pois a voz de uma garota/ abala a Revolução?(...)Nara é pássaro, sabia?/ E nem adianta prisão/ para a voz que, pelos ares,/ espalha sua canção.”

É possível dizer que alguns trechos do poema não fazem mais sentido hoje, como tratar o Golpe por Revolução ou diminuir a importância das palavras de Nara contra o regime ditatorial. Ao mesmo tempo, a preocupação de Drummond, e de todos que assinaram o abaixo-assinado, tinha todo sentido e o poema Apelo foi uma proteção para Nara.

Mas não durou muito. Nos anos seguintes, há um recrudescimento do regime ditatorial e em 1969 a perseguição e as prisões de integrantes da classe artística ficam mais intensas. Nesse momento, Nara Leão, que era casada a um par de anos com o cineasta Cacá Diegues, parte com o marido

para um exílio em Paris, que durou até 1972.

Contar a história desde a perspectiva feminina subverte a narrativa oficial da história da repressão da ditadura militar, sempre tão masculina, bem como do seu movimento de resistência à supressão de direitos e liberdades, que parece ter tido somente homens como protagonistas.

Com o retorno da democracia, por um longo período, o debate sobre as relações de gênero foi esquecido, apesar de sabermos que muitas mulheres lutaram contra o regime ditatorial e pela redemocratização do país.

Havia uma multidão de Naras e Lindonéias que abriram caminhos para as reflexões e a luta atual por justiça, pela igualdade de gênero e pelo fim da violência contra as mulheres.

Ainda temos muitas Lindonéias com seus olhos sombreados. E também temos algumas Nara Leão para nos lembrar que é preciso ouvir o indizível e ver o que se insiste em deixar invisível.

Nara Leão morreu aos 47 anos, em 1989. Não teve tempo de muito cantar as liberdades decorrentes do retorno à democracia. Recebeu algumas belas homenagens, com interessantes livros com sua biografia, estudos sobre sua obra em trabalhos acadêmicos, especial da Globo, dentre outras.

Gosto muito do disco “Onde brilhem os olhos seus”, que Fernanda Takai gravou em 2007. Penso que a cantora do Pato Fu foi feliz no repertório escolhido e na interpretação das músicas.

Para matar a saudade, além das sempre maravilhosas interpretações para “Com açúcar, com afeto”, “Carcará” e “A Banda”, adoro ouvir a versão cantada por Nara, em dueto com Fagner, da música Penas do Tiê, faixa do disco “Manera Fru Fru, Manera” (ou O último pau de arara), da gravadora Polygram (atual Universal Music), de 1973, de Raimundo Fagner.



Aponte a câmera do smartphone ao QR Code e ouça o disco “Onde brilhem os olhos seus”, com músicas de Nara Leão interpretadas por Fernanda Takai.

A canção Penas do Tiê aparece no álbum citado e em outros como sendo a adaptação de uma música folclórica, de domínio público. No entanto, foi composta por Heckel Tavares e Nair Mesquita, em 1928. Após ação proposta pelos herdeiros de Heckel, a autoria foi reconhecida e Fagner condenado judicialmente por plágio (decisão do STJ de 2006/2007).

Em diversas matérias jornalísticas que abordam o caso de plágio da música, que originalmente se chama Você, há várias informações sobre Heckel Tavares e nenhuma referência sobre sua parceira na canção.

Não há notícias de indenização para os herdeiros de Nair Mesquita, fato que me chamou atenção. Pesquisei um pouco no Google e nada descobri sobre ela: se compôs outras músicas, se tinha herdeiros, quando e onde nasceu, se teve uma carreira de repercussão no cenário nacional.

É possível que a praxe em quase todo o século XX fosse a da invisibilidade da criação artística feminina. É também possível imaginar que ainda hoje existam sombras que impedem o reconhecimento do trabalho da mulher nos diversos campos.

Talvez seja essa a explicação para eu não ter conseguido encontrar informações sobre a compositora de Você (ou de Penas do Tiê, título mais consagrado). Como Lindonéia, Nair Mesquita, quase desaparecida das paradas de sucesso, teima em desafiar o avesso do espelho e assim “aparece na fotografia/ Do outro lado da vida.”

Mas isso é assunto para outro texto...



POR QUE EU TE OUVIRIA?

Por que eu te ouviria, mulher,

se posso deduzir de mim e para mim a
tua dor?

Por que eu te ouviria, mulher,
se posso conjecturar e supor o que seja
ter o teu sexo ou a tua cor?

Por que eu te ouviria, mulher,
se posso concertar com os que estão à
minha volta o que tu és?

Por que eu me acercaria de ti e estaria ao
pé de ti para te escutar,
se posso desde aqui imaginar teus
pensamentos e o que dirás?

Por que eu me deteria e te escutaria,
se aqui, se desde aqui da minha mente,
sei bem o que tu sentes?

Por que eu te ouviria e te escutaria,
se me basta, para saber de ti, saber o que
projeto de mim em ti?

Por Leda de Oliveira Pinho



AUTISMO

Por Manoela de Araújo Rocha

Universo singular que nos convida

A um quebra-cabeça desvendar

Cada um do seu jeito

Possibilita ao mundo um novo olhar.

Não falo em estatística

Não desejo rotular ninguém

Falo da diversidade que nos habita

Do mistério de ser alguém.

Autismo - termo tão cheio de peso!

Diagnóstico que muda tudo numa família

Período de luto, de incertezas

Breve rompimento de sonhos, de certezas.

Autismo- termo tão cheio de esperança!

Se alguns sonhos se rompem

Outros ideais podemos encontrar

Breve nascimento de amor incondicional a nos guiar.

Se amor há para brotar

Esse ser de incógnita em flor vai brotar

Revelar o puro sentimento da bondade

Ensinar que se deve viver do agora com serenidade.

Meus sentidos precisam sempre ser ajustados

Preciso correr, pular, esconder-me entre lençóis

Preciso de balanço, de rede, de fitas

Preciso ser borboleta, imitar caracóis.

Não subestime minha sabedoria

Tenho intuição como guia

Nem sempre demonstro estar atento

Mas capto singelos detalhes até do vento.

Se tenho apoio e atenção

Em você deposito confiança

Sou capaz de amar profundamente

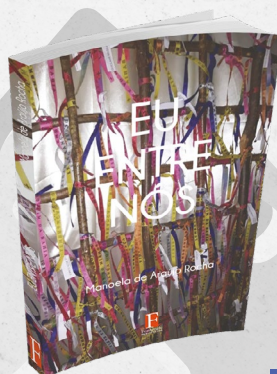
É só me aceitar de coração.

Posso não utilizar palavras ou gestos

Mas carrego em mim inteligência e afeto

Sou cristal em pura vibração

Basta estar de peito aberto para nossa conexão.



Manoela é também autora da obra "Eu entre nós", livro de poesias. Conheça o título apontando o celular ao QR Code ao lado. Segundo a autora, a obra é "é um livro sobre a poesia que há dentro de cada ser humano, que se estabelece como um eu entrelaçado por fitas fortemente presas em nós".



SEM TÍTULO

Ele não vê
Que não é por ele
Não é contra ele
Não é sua culpa
Não lhe exijo
Desculpas
É por elas
É pela causa delas
Meu debater
Minhas sequelas
Que são as delas
Daquelas
Que como eu
São elas.
Sou apenas uma delas
Ele, não vê,
Não é com ele!
É com elas.

Por Louise Vilela Leite Filgueiras Borer

VERMELHO

Ah, se eu já não te amasse
Leria o sinal
Do teu cabelo:
Não ultrapasse
O meu farol
Vermelho

De amar demais
Pobres mortais
Se perdem no espelho

Por Louise Vilela Leite Filgueiras Borer

QUEREM APAGAR VAGABUNDOS

Por Everson Guimarães Silva

*Querem apagar vagabundos,
meninos violentos, com armas nos punhos.*

*Escolas vazias, com as portas fechadas,
professores em greve, numa luta pesada.
O pai tá bebendo, não lhe resta mais nada.*

A mãe tá ausente, segurando a parada.

E aí...

*Querem apagar vagabundos,
meninos violentos, com armas nos punhos.*

*Querem apagar vagabundos,
meninos sem escola, com armas nos punhos.*

*Sem acesso à cultura, à procura de exemplo,
encontra o traficante, que lhe dá um alento.*

*Todo mundo se vale do comércio ilegal,
compra o seu baseado, eletrônico e tal.*

E então...

*Querem apagar vagabundos,
meninos violentos, com armas nos punhos.*

*Querem apagar vagabundos,
meninos explorados, com armas nos punhos*

*O impulso agressivo é essência humana,
só botando essa força, numa coisa bacana.*

*O que pisa na bola, tem um preço a pagar,
mas não é a violência que vai nos resgatar.*

Porém...

*Querem apagar vagabundos,
meninos violentos, com armas nos punhos.*

*Querem apagar vagabundos,
meninos desvalidos, com armas nos punhos*

*Querem apagar vagabundos,
meninos violentos, com armas nos punhos.
Meninos sem escola, com armas nos punhos.
Meninos explorados, com armas nos punhos.
Meninos sem cultura, com armas nos punhos.
Meninos desvalidos, com armas nos punhos.*

Então, tá!



O JUIZ E O CANOEIRO

Por Marcos Mairton

Muito antes de os países existirem na forma atual, com suas fronteiras bem definidas e os poderes do Estado bem delimitados, já havia reis que delegavam a cidadãos de sua confiança a tarefa de julgar as questões entre seus súditos.

Assim acontecia entre os Destros, um povo antigo, que vivia em algum ponto às margens do Mediterrâneo, antes de serem submetidos ao Império Romano, como tantos outros.

Era uma grande honra ser incumbido da função de julgador, porque todos ali sabiam que seu exercício exigia equilíbrio e sabedoria. Juízes insensatos, ou que se deixassem levar por interesses pessoais, acabavam gerando descontentamento entre a população, contribuindo, assim, para o descrédito do próprio soberano.

Sabendo disso, o destro Átrion sentiu um misto de alegria e preocupação, ao ser nomeado juiz. Afinal, tinha pouco mais de trinta anos de idade, e todos os juízes que ele conhecia eram homens de cabelos grisalhos, alguns ostentando longas barbas brancas.

É fato que havia estudado filosofia, na Grécia, e que, há mais de dois anos, era membro do Conselho de Sábios da sua aldeia, mas estaria pronto para a missão de julgar?

Durante os dias que se seguiram à sua nomeação, Átrion refletiu muito sobre isso. Por um lado, sentia-se honrado, com o reconhecimento que o rei lhe havia demonstrado; por outro lado, questionava-se se estaria preparado para decidir sobre a vida das pessoas.

Foi assim que, certa manhã, poucos dias antes da cerimônia do recebimento de sua Vara da Magistratura – um cajado que os juízes portavam, como símbolo da sua função – Átrion foi à casa de um experiente magistrado, conhecido como Mestre Aluk, cuja sabedoria era reconhecida por todos os seus pares. Buscava uma palavra que lhe acalmasse o espírito.

Mestre Aluk morava em uma chácara, em uma das muitas montanhas que havia nos arredores da aldeia onde Átrion exerceria suas funções de julgador. O velho magistrado recebeu o jovem com respeito e alegria, e o tratou com as honras de um juiz que já estivesse no exercício da jurisdição. Encorajado pelo tratamento cordial do experiente julgador, Átrion foi o mais direto possível ao assunto:

– Mestre Aluk, tenho estado atormentado, desde a minha nomeação para o corpo de magistrados do Reino. Não questiono a escolha do Rei, nem nego os conhecimentos que adquiri ao longo de anos de estudo, e de outras funções que tenho exercido. Mas sei que sou o mais jovem dos juízes já nomeados por Sua Majestade. Tenho receio de me faltar a experiência necessária à atuação do julgador.

A partir daí, Átrion passou a tecer uma série de considerações a respeito do estudo, da experiência e da responsabilidade dos juízes.

Mestre Aluk ouviu tudo com atenção, sem demonstrar surpresa. Agradeceu a deferência de Átrion, por buscar seus conselhos, mas, sobre as preocupações expostas pelo futuro colega de magistratura, nada disse. Ao contrário, mudou de assunto e convidou o neófito para uma caminhada.

Depois de quase um quilômetro andando por um caminho aberto na floresta, falando sobre outros assuntos, chegaram a uma clareira, na margem do rio que descia do topo da montanha. Naquele ponto, a água formava ondas e fazia barulho ao se chocar com as pedras, devido à forte correnteza.

Mestre Aluk sentou-se em uma pedra grande, arredondada, e orientou Átrion a sentar-se em outra, semelhante. Parecia ser um lugar para onde o velho magistrado costumava se retirar, quando queria refletir sobre algum assunto.

Depois de uns instantes em silêncio, observando

a correnteza, Mestre Aluk retomou a palavra:

– Meu caro Átrion, você sabe que esse rio deságua em um lago, em cujas margens está a aldeia onde você vai morar. Se você fosse contratar um canoeiro, para levar um saca de sal, deste ponto até alguém que mora na aldeia, que comportamento você esperaria do canoeiro?

Átrion percebeu que aquela não era uma simples pergunta sobre o transporte de sal. Pensou por alguns segundos e tentou ser objetivo em sua resposta:

– Mestre Aluk... essas águas são um tanto revoltas. Eu esperaria que o canoeiro conduzisse a embarcação em segurança, sem a deixar virar. Mas também que ele usasse da necessária habilidade para, nos momentos certos, aproveitar a força da água corrente para impulsionar a canoa. Evitando encalhar

em algum ponto das margens, ou demorar demais no percurso até o lago.

Mestre Aluk sorriu. Parecia satisfeito com a resposta:

– Então, meu caro Átrion, você sabe como um juiz deve se conduzir. Porque o juiz deve ser como esse canoeiro, transportando o sal. No alto dessa montanha, nasce o rio, que serve de caminho até o lago e a aldeia. As leis do nosso povo, nossos costumes e valores, são como as pedras dessa montanha, de onde brota o rio do Direito. Por ele o juiz deve conduzir sua canoa, transportando a decisão que irá resolver a controvérsia. Observe que, assim como o canoeiro, o juiz não é um ser inerte, que deixa a embarcação ser levada pelas águas, à deriva. Não! Ele atua, com seu remo, corrigindo o rumo, evitando choques com as pedras... trabalhando para que o rio do Direito o conduza ao lago da Justiça. Mas o condutor da embarcação deve ter consciência de que não pode fazer prevalecer a sua vontade sobre a força do rio. Se tentar agir assim, provavelmente naufragará. Ou, talvez, entrará tanta água na canoa que dissolverá o sal. Assim, tal qual o canoeiro, que deve usar o poder das águas no cumprimento da sua missão, o juiz deve conhecer as correntes do Direito, para as usar na busca da realização da Justiça. Jamais deve fazer isso por interesse pessoal ou de terceiros, ou mesmo para tentar impor ao povo a sua própria noção do justo. O sal da Justiça deve ser entregue ao seu destinatário, na aldeia, e não deixado nas margens do rio, ou dissolvido em suas águas.

Após ouvir aquelas palavras, Átrion olhou detidamente para o rio, imaginando-se conduzindo a embarcação sobre as águas. Vários pensamentos vieram-lhe à mente, mas se limitou a dizer:

– Espero ter a humildade necessária, Mestre Aluk, para saber conduzir minha pequena canoa, entregando o sal da Justiça às pessoas da aldeia.

– Você a terá. Tenho recebido notícias de sua conduta no Conselho de Sábios. Muitos comentam do seu equilíbrio, sua humildade e seu senso de Justiça. Agora, vamos voltar à minha casa. Deve haver um bule de chá quente à nossa espera.



NEREIDA: LAMENTO POR UMA EFÊMERA PAIXÃO

Por **B. G. da Costa Fontoura**

*“Plaisir d’amour ne dure qu’un moment.
Chagrin d’amour dure toute la vie”.*
(Jean-Pierre CLARIS DE FLORIAN. *Plaisir d’amour*).

Nereida da praia, que sons harmoniosos
Levavam outrora ternura ao poente!
Despojos que tombam dos idos felizes
Resvalam agora plangendo o presente.

Em meio à tristeza do meu abandono,
A brisa volúvel os ares invade.
Paixão naufragada jaz morta na areia,
Sobrando de tudo somente a saudade.

As ondas quebrando evocam prelúdios...
Teus seios, Nereida, me fazem lembrar.
Sublime nas águas, miragem tornada,
Bailando nas cristas das vagas do mar!

Perdido na tarde, sozinho recordo:
Cabelos de deusa revejo nas águas.
Crepúsculo amargo que afoga minha alma!
Na tarde cinzenta, marulham as mágoas.

Teus olhos, Nereida, de paz celestial,
Teus olhos que outrora radiavam ardor,
No azul das alturas, sonhando os revejo,
Aos céus derramados, aos céus dando cor.

Deserta de afeto, minha alma se outona.
Um bafo de angústia sufoca-me o peito
E o sol nem amorna meu álgido dia,
Cerrado nas nuvens, por pejo desfeito.

As mãos desgraçadas agora despencam,
Privadas, Nereida, do mútuo calor.
Não mais prendo as tuas: mataste o prazer,
Impondo o martírio do teu desamor.

Um ninho de velas ao longe embranquece
A tarde tristonha, desnuda de flores,
E as vozes das aves, com muita inocência,
Liberam gemidos dos meus dissabores.

ENTREVISTA MÚSICA & JUSTIÇA

1 RCAjufe: Quem são os integrantes da banda?

Somos 4 integrantes: Laís Leite (vocal), Alan Prestes (baixo), Marcelo Stival (bateria) e Flávio Fraga (guitarra e violão).

2 RCAjufe: Qual o nome da banda?

Ainda sem nome.

3 RCAjufe: Como surgiu a ideia da criação da banda?

A ideia foi de Laís, para que tocássemos principalmente em eventos das associações de magistrados ou de entidades como o CJF.

4 RCAjufe: Quando a banda foi criada?

No início de 2019.

5 RCAjufe: Que tipo de música vocês tocam?

Tocamos rock, pop, jazz, mpb.

6 RCAjufe: A banda já faz shows em Rondônia? Se sim, há a pretensão em fazer fora do estado?

Ainda estamos só ensaiando, com a pretensão de tocar em pubs de Porto Velho e em eventos fora do estado, por ventura promovidos pelas entidades acima citadas.

7 RCAjufe: Como ocorrem os ensaios? Em algum estúdio?

Ensaíamos em estúdio alugado, geralmente às terças à noite, cada ensaio com duração de duas horas em média.

8 RCAjufe: Qual a principal música que representa a alma da banda?

A nossa música principal é “à francesa” de Marina Lima, mais porque é a mais bem ensaiada e bem tocada, que por ter uma história vinculada à banda. Ou seja, é a música que tocamos melhor, com mais confiança e que sempre sai muito boa nos ensaios, por conhecer muito bem suas notas e seus arranjos.

9 RCAjufe: Qual a relação da música (arte) com a magistratura?

A relação que faço é a necessidade de se estudar cada música antes do ensaio ou de cada apresentação para que ela seja executada da forma mais perfeita possível, o que faço com cada processo que analiso e julgo, vale dizer, cada ação que tenho é examinada com muita particularidade para que o julgamento seja o mais próximo da justiça naquele caso em concreto. Outra relação diz respeito à paixão que tenho pela música e pela magistratura, sendo duas atividades que me dão muita satisfação e prazer em desempenhar.

10 RCAjufe: A música é uma válvula de escape para as horas difíceis da magistratura?

E para todas as outras dificuldades que a vida nos reserva e nos faz enfrentar. A música é um ótimo momento de lazer e de diversão, tanto nos ensaios solitários em minha casa, quanto nos ensaios com todos os integrantes da banda.

“SOULSAMBRASIL”

Por Laís Leite

O disco “soul sambrasil” foi todo concebido depois que tomei posse na magistratura. Por meio das composições, melodia e letra, pude explorar toda a minha brasilidade e fiquei muito feliz com o resultado. Eu não tenho ritual ou inspiração específica para compor, mas geralmente as músicas surgem na

minha cabeça em momentos de tensão e reflexão, e a magistratura acaba me proporcionando isso em diversos momentos.

Acredito que música influencia em tudo, seja da parte de quem produz ou apenas aprecia a arte.

Então inevitavelmente ela estará presente na minha atuação jurisdicional.

Vamos sambar (Laís Leite)

Eu canto como eu quiser porque canto samba

Ele toca como ele quer porque toca samba

Disseram pra eu copiar

O que fazem do lado de lá

Mas eu faço como eu quiser porque faço samba

Precisamos valorizar

O que temos do lado de cá

E eu falo como eu quiser porque falo “samba”

Samba

Eu adoro samba

Quem gosta de samba?

Então vamos sambar!



A VIDA COMO ELA É

Por Josi Nascimento

Ele chegou batendo com as pontas dos dedos no meu ombro e apontando, insistentemente, para a vidraça do seu gabinete. Sem poder se dirigir verbalmente a mim (estava falando ao celular), ele apontava para as imensas janelas de sua sala e eu não via grande, aliás, nenhum motivo para tamanho alarde. Mas, como ele se mantinha de pé ao lado da minha baia, de súbito, levantei-me e fui ver, *in loco*, o que o impressionava tanto. Estávamos num processo de ensino-aprendizagem, pois só contavam 20 dias da nossa apresentação. Ele líder, eu liderada.

Espichando os olhos na direção do Eixo Monumental, nada vi. Nenhum acidente, nenhum latrocínio e nenhum casal apaixonado. Ele aponta para cima, na direção das nuvens, aí eu entendi: três helicópteros aproximavam-se da janela, num balé que de tão sincronizado parecia miragem. Lá estava a Polícia Federal, a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros. A Copa do Mundo de 2014 se anunciava, as primeiras delegações estavam chegando. Era o encontro dos sotaques. Do interior do Paraná com o interior de Pernambuco e, para além das janelas do gabinete, com todas as outras gentes que por aqui desembarcavam para a grande festa.

Dias depois, a cena se repete. Só que, dessa vez, tratava-se de dois urubus no parapeito da janela. Ele achou engraçado, eu tive medo. Mas, ele é flamenguista, eu simpatizante da cruz de malta. Isto explica o meu temor. Amenidades: era tudo o que precisávamos para que os compromissos severos do dia a dia não fossem tão sisudos, já que teríamos pela frente 720 dias no *tête-à-tête*. O ambiente não era hostil, mas exigia atenção e controle a todo tempo. De modo que, sorrir de assombros menores e de piadas prontas, era necessário e bem-vindo.

No mais, a convivência com ele foi, para mim, de uma riqueza ímpar em termos de aprendizado, principalmente em dois quesitos igualmente importantes: humildade e sabedoria. Porque, parafraseando *Carl G. Jung*; ele dominava muito bem todas as técnicas e teorias, mas, quando tocava uma alma humana, era apenas outra alma humana.

Junho/2016

VIOLA DE COCHO



Por Pedro Francisco da Silva

Para fazer uma Viola de Cocho

O artesão recolhe na mata

Um lenho bruto, inteiriço

Pode ser cedro, ximbuva, cajá manga,
jacarandá...

Paciência e precisão

O artesão forja o instrumento

Escava seu interior, retira o excesso

Delineia formas, esculpe contornos

Como a fazer um cocho

Que nutre e mantém o gado

Faz a caixa de ressonância

Que reverbera o som

Um tampo fino sustenta as cordas

Toques de engenho e arte

Nasce a Viola de Cocho

E do seu ponteio a alegria

A Viola de Cocho ensina

É preciso escavar-se

Retirar o excesso, abrir espaço na alma

Para a alegria, a música e a poesia



ELÍSIO E RITA

Por Francisco Antônio de Barros e Silva Neto

(de “Um Livro dos Outros”)

Agosto de 1994: véspera de seu aniversário de noventa anos. Estava aprendendo a ouvir estórias, antes de começar o ofício de contá-las. Meu material de trabalho eram aqueles registros entre a memória e a fantasia. Ouvia estórias de todo tipo, das crônicas de guerra aos relatos arrependidos, amores possíveis e notícias de jornal, mas minhas preferidas eram as fronteiriças, na borda entre o que houve e o que houve na imaginação de quem me disse.

Aos noventa anos – ou quase isso: na falta de apenas um dia – imaginava que seu Elísio me daria relatos entrecortados, estórias superpostas, delírios e anunciações ou, como gostava de chamá-las, as alucinações denotativas da idade. A estória começaria em um ponto verídico, mas, ao percorrer o labirinto da memória, entraria pelos atalhos da ficção: mais do que uma limitação do narrador, era este o meu objetivo como ouvinte: aprender a lhe ouvir.

Começou-me a falar do 15 de abril de 1943. Segurou o braço de uma transeunte desatenta, que não vira o momento inoportuno em que tentava atravessar a avenida (o Recife, na época, já possuía um tráfego terrível...). Antes que ela pudesse lhe dirigir os agradecimentos de praxe, disparou-lhe sem piedade: “um café, em gratidão por sua vida”. Ela o aceitou, como num gesto de justiça, e foram às galerias. Desatei-me a sorrir: pela primeira vez me perdera do fio da verdade logo no primeiro instante da narrativa, a fantasia – como o inverno daquele ano – veio mais cedo que o esperado.

Se me viu sorrindo, não sei. Continuou a narrativa. Ela lhe disse que era engenheira, filha única, e que recentemente havia regressado da África, onde adotou dois elefantes órfãos, que morreriam na natureza sem os cuidados maternos e, por isso, deveriam crescer em cativeiro, até o dia em que decidissem partir de casa e não mais retornar. Disse-me de sua preocupação com as suas escolhas: teriam os elefantes discernimento suficiente sobre o momento de partir? Ela, com uma graduação nos dedos e outra a caminho, ainda não se decidira a sair de casa, que exemplo daria aos seus filhos por adoção?

“Pode lhe parecer estranho, mas ao vê-la em dúvida sobre o outro lado do Atlântico, tive mais vontade de ouvi-la. Era, para mim, o começo das mil e uma noites: três anos depois aceitaria meu sobrenome e partiria de casa para a nossa casa”.

Perguntei-lhe, então, como ouvira tais estórias: se era a leitura de um livro de ficção ou como alguém que acreditava em seu conteúdo. Nem um, nem outro: confiava na intenção de quem lhe contava: a estória partia, sobretudo, de seu coração. “Ser ou não ser” era uma dúvida filosófica demais, desnecessária ao pragmatismo de sua boa companhia. A fantasia não era uma mentira, mas uma opção de conquista: alguém de fato se preocupava em saber se Roma fora construída por dois gêmeos alimentados por uma loba? Ou se Lisboa surgiu de uma volta frustrada para Ítaca?

“Os dois elefantes poderiam ser Rômulo e Remo, Davi e Golias, Caim e Abel, não me importava: recebia a estória como a estória que me havia retirado do sono do cotidiano, e logo era eu com dificuldades de me concentrar nos semáforos e com medo de atravessar as avenidas: tudo girava em torno dela, em torno de seu braço no meu, quando andávamos pelo centro da cidade a falar sobre as maravilhas do mundo”.

Ela lhe disse que em Angola, mais de uma vez, assistiu às árvores explodirem durante as tempestades. Viu pessoas passarem a morar nos troncos fendidos dos embondeiros. Havia mesmo uma oração a ser feita antes de se entrar na intimidade dos troncos e assim evitar a queda dos raios. Disse-lhe que não gostava de berinjelas: as berinjelas lhe pareciam vísceras de uma planta, expostas ao



consumo, ou um útero, que pela mais elementar noção de respeito, não deveria ser cortado ou servir de alimento.

“Por cinquenta e um anos vivemos felizes. Você conhece meu neto mais novo, mas somos doze pais e vinte e um filhos, alguns tiveram seus filhos também. Somos uma dessas árvores largas, como os embondeiros, mas pode entrar em casa sem fazer suas orações, que eu falo por você: ela foi um raio na minha vida. Cinquenta e um anos e posso dizer que ainda somos felizes”.

Não menti. Como lhes disse, ainda estava aprendendo a ouvir estórias. Talvez por isso o tenha interrompido: por uma razão simples a sua conta não fechava. Não a conheci. Há cinco anos, dormindo em seu leito, ela não acordou. Já me haviam alertado sobre isso. Essa era outra estória, ou parte desta mesma estória, mas faltavam alguns anos aos cinquenta e um anos contados daquela tarde em que lhe segurou o braço pela primeira vez. Ela partiu antes disso: para mim, não havia dúvidas. Eu o interrompi justo quando me dizia que foram felizes e assim, em verdade, o interrompi injustamente.

“Venha amanhã. Noventa anos não são muito, mas para os filhos tudo é motivo de alegria”.

Naquele 18 de agosto de 1994, sentava-se na mesma cadeira, mas não era o mesmo do dia anterior: ninguém sabe o quanto um dia pode alterar o curso de uma estória.

“Por cinquenta e um anos, quatro meses e três dias fomos felizes. Parece-lhe mentira? Que ainda somos felizes? Mesmo que você não acredite, temos memória de elefante: Calema e Mbondo - tempestade e embondeiro, em *kimbundu* - nossos filhos adotivos, meus também. É possível ser feliz de memória? Não os vimos mais, três anos depois decidiram partir do orfanato, juntos”. Entregou-me um álbum e foi buscar o seu agasalho, “vem chuva por aí”. Em uma foto amarelada, um daguerreotipo talvez, dois elefantes pequenos acariciavam as mãos femininas, distraidamente.

AMOR EM PRIMEIRA INSTÂNCIA

Por Antônio Francisco Pereira

Apaixonado pela nova juíza da comarca, o advogado dirigiu-lhe a seguinte petição inicial:

Eu, bacharel em direito
conforme a lei em vigor,
venho com todo o respeito
requerer o seu amor.

Meu coração tem urgência
e, não podendo esperar,
peço que Vossa Excelência
me conceda a liminar.

Caso eu a tenha ofendido
com a inépcia do pedido,
rogo pelo amor de Deus:

Se me faltou algum tato,
prenda-me por desacato,
mas prenda nos braços seus.

Prontamente, a magistrada despachou:

Em toda minha carreira
como juíza de direito,
nunca vi tanta besteira
nem tamanho desrespeito.

Minha conduta moral
é lei que não se revoga
nem com petição oral
debaixo da minha toga.

Por isso, nobre advogado,
seu pedido tresloucado
indefiro nesta liça.

Depois, com a noite em curso,
eu aguardo o seu recurso
em segredo de justiça.



DECLARAÇÃO

Já vou fazer declaração de renda,
de bens e outros informes que rabisco,
para atender a norma da Fazenda
e não ser molestado pelo Fisco.

Mas é preciso que eu me defenda
das garras deste Leão tão arisco,
pois o salário que recebo é lenda
e não sobra sequer para um petisco.

Quanto a bens tenho só você, meu bem,
no exercício e ano-base também,
fato que só a Receita não vê.

E isso cria um dilema entre a gente,
pois, como pô-la minha dependente,
se sou eu que dependo de você?

Por **Antônio Francisco Pereira**



DUALIDADE

Sou poeta ou sou juiz?
Eu mesmo não sei dizer.
A toga me faz feliz,
o verso me dá prazer.

E é isso o que sempre quis
desde a hora em que nasci.
Estudei pra ser juiz;
pra ser poeta...vivi.

Hoje tenho a companhia
da lei e da poesia
no trabalho e no lazer.

Por isso é que sou feliz:
porque vivo sem saber
se sou poeta ou juiz.

Por **Antônio Francisco Pereira**

A ÚLTIMA NÃO MÚSICA

Por Felipe Benichio Teixeira

(Texto integrante da obra "O Último Guerreiro")

Naquela tarde no Central Park, na semana anterior à morte de Rodrigo, Malu entregou a ele quatro folhas de caderno dobradas ao meio. Havia escrito à mão um conto que chamou de *A última não música*.

Acordou sem vontade de acordar. Abriu os olhos e rapidamente voltou a fechá-los tentando trazer de volta o sonho quase ainda em curso. Valia a pena tentar capturá-lo à força antes que escapasse completamente. Não conseguiu. Remexeu-se na cama, inquieto. Pior do que não voltar a dormir era esquecer o que sonhara.

Ao seu lado, os olhos da esposa mexiam-se sob as pálpebras. Ela tinha sorte, ainda sonhava. Para não acordá-la, permaneceu imóvel enquanto tentava apreender o sonho. Não precisava dos detalhes, bastava ouvi-lo. Era sonho recém-sonhado, daqueles que ficam no limiar da memória e por algum motivo não se capturam. O subconsciente ordena que sejam esquecidos, mas seus sonhadores teimam trazê-los para a realidade, contrapondo-os à vida real, bem menos espetacular. Teve a impressão de que aquela misteriosa canção onírica percorrera noites esquecidas de outras décadas, sempre lhe escapando antes do despertar. Não sabia se era fantasia recorrente ou se sonho único que reverbera na mente com tanto poder que parece ter sido sonhado incontáveis vezes.

Embora não houvesse despertado durante a noite, tampouco a música o deixara repousar. Sentia-se exausto. Dormira sem descanso como se perseguido noite adentro por um pensamento ruim, o que não atenuava a sensação de fracasso por não conseguir retornar ao sofrimento, voltar ao sonho para decifrá-lo. A deterioração física da noite mal dormida só valeria a pena se um dia outras pessoas pudessem ouvir a ideia de acordes que só ele ouvira.

Era uma perseguição. À medida que despertava os pensamentos confusos iam se alinhando e a música compunha a si própria. Notas interdependentes, tristes, um acorde perdido após a breve capela. À primeira vista soava piegas, mas quem era ele para contestar a manifestação artística do inconsciente. Faltava o início da melodia, assim como lhe escapava o verso final do refrão. O último trecho também estava inacabado, mas a música estava quase toda ali. Desta vez ela não o havia abandonado.

Sentiu-se novamente esperançoso. Sabia que nada mais viria por ora, não adiantava forçar. A música se completaria a seu tempo e não devia apressá-la. Já havia perdido canções para a noite, então podia se dizer experiente. Não era a primeira vez que ideias passeavam pelo sono como gemes de uma obra-prima e no dia seguinte, quando ia ver, já não eram nada. Artistas odeiam essa sensação ilusória causada pelo sonho, no qual toda criação é expandida e perfeitamente ajustada, e no instante em que é confrontada com a realidade da manhã fica claro que só fazia sentido enquanto na cabeça. Mas aquela canção era diferente. Tinha certeza de que era especial, revolucionária, única. Os acordes até ali eram brilhantes. Completos, deviam ser perfeitos. Faltava apenas o toque final.

Resignado com a espera, pôs uma roupa e foi ao barbeiro. No caminho de volta, já de cabelos cortados, deparou-se com uma jovem mãe e seu bebê. Ela apoiava o filho numa das gárgulas negras que compunham a fachada do edifício enquanto ajeitava a enorme mochila nas costas. Colocou a criança no colo e atravessou a rua. Trocaram olhares. Não a comoveu em nada perceber quem ele era. Encarou-o como encararia qualquer um, não para provar que todos os homens são iguais, mas porque só lhe interessava sua criança. Pelo modo como a segurava não era difícil concluir que havia nascido para proteger o filho, grande demais para ser carregado por alguém de compleição tão frágil. Seguiu-a com o olhar até a entrada da estação de metrô sabendo que nunca mais a veria. Nem precisava, havia visto no olhar da mãe a obstinação que sua música procurava. Aquela obstinação era parte do sonho, parte de sua inspiração. Começou a cantarolar de leve e quando chegou à porta do apartamento tinha o pedaço que faltava do começo da melodia.

Entrou em casa cantarolando alto e o filho pequeno veio correndo acompanhá-lo. Em seguida veio a esposa, contagiada pela melodia que imaginou ser um sucesso de uma banda qualquer cujo nome não lhe vinha à cabeça. Os três dançaram na sala. Dançaram felizes ao som de uma música nova, inacabada, mas que soava como se existisse desde sempre. Foram interrompidos pela chegada do fotógrafo. Faria as fotos de divulgação do disco novo ali mesmo, no apartamento. Não se sentia à vontade promovendo um disco que não tinha aquela música, mas precisava ser paciente.

Terminada a sessão, era a vez da entrevista. Ao ser questionado sobre o futuro de sua obra, disse: "Considero que o meu trabalho não estará terminado até que eu esteja morto e enterrado". Para o entrevistador, aquele otimismo derivava das expectativas geradas pelo álbum recém-lançado. Não era isso: a soma das virtudes das quatorze músicas do disco novo não alcançavam a profusão sonora arrebatadora que estava por vir, ao menos era o que ele pensava, e talvez pensasse assim justamente porque a música sequer existia e somente as coisas que não existem podem ser tão boas quanto se pode imaginar.

Após a entrevista, concedeu autógrafos na porta do edifício e tomou o carro que o levaria ao estúdio enquanto imaginava variações instrumentais para acrescentar ao que já tinha. No estúdio, foi burocrático ao gravar uma nova música. Trabalhar com outra canção o impedia de desenvolver a que importava. Contudo, não receava perdê-la. Sabia que ela estava devidamente guardada em sua cabeça e de lá não sairia. Fosse no início da carreira, julgasse-se iluminado. Imaginaria que um determinismo qualquer trouxera a música, obrigando-o a parar tudo e compô-la. Por mais que seu julgamento sugerisse se tratar da mais bela e espetacular composição já concebida, sua maturidade indicava que esperar era a melhor solução. Volta e meia lhe tornava à cabeça o argumento reconfortante de que a música poderia não emplacar, terminando obscura na faixa onze de seu próximo álbum. É cômodo acreditar que nunca vale a pena entregar-se à necessidade de criar como se não houvesse amanhã.

Deixou o estúdio cansado. Da janela do carro, observava o parque à noite quando o verso final do refrão se descortinou. Era muito bonito, só que não exatamente como ele queria. Estava convicto de que quando estivesse em casa, sentado ao piano, a música finalmente se encaixaria. Ficaria melhor do que estava agora, embora temesse que jamais ficasse do jeito que a concebia: perfeita. Ansiava trazê-la à vida, deixá-la respirar. O som latejava em sua cabeça, pronto para se libertar do confinamento da mente e alcançar o ar quando o carro estacionou na Rua 72. Esperando-o em frente ao edifício de varandas francesas estava o homem de óculos retangulares. Avistou sua vítima por trás das lentes e sacou a arma. Atirou três vezes, atingindo o compositor nas costas. O impacto fez o músico girar sobre o próprio corpo antes que o quarto disparo acertasse o ombro. Atirou pela quinta e última vez, porém errou. O artista cambaleou alguns passos antes de cair no chão.

Observando o sangue espalhar na calçada, John Lennon ouviu a música. Ouviu-a completa e perfeita. Indefinível, indescritível. Inútil tentar explicá-la em palavras, seria preciso ouvir. E só ele ouviu, ouviu enquanto a vida lhe escapava como a música escaparia ao restante das pessoas. O senso comum leva a crer que, em seus últimos momentos, Lennon clamou pela vida, murmurou por mais tempo entre os seus. Nada disso. Em seus últimos minutos a única coisa que passava por sua cabeça e o assombrava era o desespero por não poder compartilhar sua criação.

Afirmar que a canção não ocupava a cabeça de Lennon enquanto era carregado para o Hospital Roosevelt é tão leviano quanto afirmar o contrário. Mais leviano ainda seria dizer que a música não existiu. De fato, hoje ela não existe, não é nada, só pode ser imaginada. Mas ser nada é diferente de sempre ter sido nada. Não ser é diferente de nunca ter sido. Também não é de todo equivocado dizer que a última música composta por John Lennon foi *Grow old with me*. Mais correto seria dizer que, dentre as centenas de músicas atribuídas a ele e que sobreviverão por gerações, *Grow old with me* é a última. Só que, entre todas as músicas de John Lennon, aquela inominada obra-prima era verdadeiramente a última. A ela e a todos os outros filhos natimortos de Lennon só resta invejar a saúde de *Imagine*. E se *Imagine* é a árvore que cai no Central Park lotado, a música inominada é como a árvore que cai na floresta desabitada.

A música atravessa o tempo e, embora Chapman sequer desconfiasse, a tragédia não estava na morte de Lennon. Ele morreria mais cedo ou mais tarde, vítima de uma doença qualquer, atropelado, quem sabe assassinado outra vez. O real pecado de Chapman foi ter matado a música. A iniquidade de seu ato é tamanha que sequer pode ser medida. Não se pode mensurar a real extensão do dano, mas é certo que casais deixaram de se apaixonar ao ouvir a canção; mães criaram sozinhas os filhos sem o alento inspirador daqueles versos inexistentes; amigos não erraram por horas os acordes iniciais ao violão.

E quando o filho de Lennon pensa na última manhã que passou com o pai, lembra-se de que a felicidade tinha trilha sonora. A lembrança é embaçada, mas a sensação é nítida. Ele tem a nostalgia dos que foram capazes de identificar um raro momento de felicidade plena e emoldurá-lo na memória. Aquele quadro tinha uma canção ao fundo, uma música assobiada da qual ele não se recorda, mas sabe que é boa. Na verdade, é perfeita. Tão perfeita que o melhor é nunca mais ouvi-la. Essa sensação, sonogada do mundo por Chapman, é só dele. É tudo o que restou da última não música de John Lennon.



Felipe é autor do livro "*O último escritor*". Conheça o título apontando o celular a um dos QR Codes abaixo. Ao abordar temas como memória, nostalgia e limites da arte, Benício tece uma improvável rede de conexões que percorre passado e futuro dos personagens, criando uma narrativa cercada de mistério.



HÁ MUITO TEMPO, NUMA GALÁXIA MUITO DISTANTE...

Por **Gerson Godinho da Costa**

Primeiro abriu-se a portinhola da pesada e lúgubre porta de ferro, e, pelo ínfimo espaço aberto, atravessou o som da voz tonitruante:

- Prisioneiro 1453!

Aberta a porta, foi levado da reduzida cela mal iluminada - provida apenas de um catre, sobre o qual repousava uma esteira de palha e um travesseiro grosso e duro - um homem idoso e muito magro. A coberta rota, por ora dispensada provavelmente em razão do calor, jazia amarrotada no chão.

O agente dono da voz, espadaúdo e alto, conduziu grosseiramente o homem idoso pelo braço à sala de interrogatórios. O físico esquelético do conduzido dispensava algemas ou qualquer outro tipo de cautela. Ao longo do extenso corredor era possível ouvir gemidos e súplicas de outros detidos. Quem seriam? O que fizeram para estar ali? Haveria alguém lá fora esperando por eles? Imaginar respostas a essas indagações servia de única distração ao homem idoso, que sequer recordava há quanto tempo estava aprisionado.

No interior da sala de interrogatórios se encontrava um jovem, o qual o homem idoso não lembrava de ter visto antes por ali, ainda que seu semblante fosse vagamente familiar. Elegantemente trajado e com cabelo cuidadosamente penteado, o rapaz transmitia autoridade e sensatez.

- Prisioneiro 1453, por favor, sente-se.

Obedecendo ao misto de ordem e pedido, o homem idoso ocupou uma cadeira colocada em distância que calculou ser suficiente a que seus odores não alcançassem o olfato do interrogador. Havia uma mesa grande de madeira entre eles.

- Vejo de seu prontuário que o Regulamento está sendo rigorosamente observado, Prisioneiro 1453. Tudo de acordo com o proposto pela Nova Administração, o senhor deve saber. Certamente as acomodações não são luxuosas, mas se prestam

aos nossos objetivos, os quais, o senhor também deve saber, foram extraídos da sábia Filosofia do Astro Mestre das Terras Virgens.

Após um longo suspiro, o interrogador continuou:

- Escusas pela linguagem pomposa. Mas se livre estivesse, Prisioneiro 1453, certamente o senhor comprovaria o que estou falando. A satisfação do povo nas ruas é inegável. E, bem... estamos aqui para que o senhor tenha a oportunidade de poder experimentar tudo isso. Para um homem de passado tão ilustrado quanto o do senhor, é inútil resistir à realidade dos fatos.

O homem idoso, porém, pouco compreendia. A sede, a fome, as luzes fortes do ambiente, contrastando com a escuridão da cela, o deixavam confuso. Ouvia as palavras, mas não as concatenava.

- Um copo de água para o Prisioneiro 1453, ordenou o interrogador para o agente que trouxera o homem idoso. E, dirigindo-se novamente ao agente, elevando o tom de voz, arrematou: conforme o Regulamento!

Tornando seu olhar para o homem idoso, prosseguiu:

- Saiba, Prisioneiro 1453, não é a sua anterior condição de autoridade que determina essa benesse, mas simplesmente porque todo preso tem direito a um copo d'água durante o interrogatório. Agora verdadeiramente somos todos iguais, Prisioneiro 1453. Tudo mudou para melhor! Estamos vivendo em ordem, com segurança. Há previsibilidade, disciplina. Convenhamos que a sociedade não precisa de mais nada. Passou a época das divergências intelectuais, da balbúrdia das jurisprudências. Agora está tudo aqui no Regulamento. Chega de ponderações, dúvidas. Ou é ou não é. Nada de matizes, é branco ou preto, nada de cinza...

O homem idoso, com as mãos trêmulas, juntou o copo e sorveu um pouco da água, o que foi suficiente para o interrogador suspender sua fala. Não percebeu, no entanto, se o exíguo prazer provinha da sede parcialmente aplacada ou do silêncio que se fez. Sensações ruins, ali naquela sala tinha sensações

ruins. Queria imediatamente se livrar delas. A repentina e inesperada saída da cela despertou nele tamanho desconforto que não conseguia imaginar o porquê daquilo tudo.

- A água está do seu agrado, Prisioneiro 1453? Veja, queremos apenas a sua retratação. Não dispomos ainda – e nesse momento surgiu um fugaz sorriso no rosto do interrogador – de uma máquina que possa ler pensamentos. Quem sabe um dia... De todo modo precisamos apenas da sua adesão à Nova Administração. Chega de ambiguidades, Prisioneiro 1453. Foram elas que quase levaram nossa civilização ao declínio. Há homens e mulheres, e só! Há os que nasceram para comandar e os que nasceram para ser comandados! Basta de interpretações, ilações, argumentos fantasiosos! Uma palavra não pode significar qualquer coisa! Precisamos saber onde e quando os fatos ocorrem, e não como e por que ocorrem. Isso vale para o passado e para o presente, para que tenhamos o controle do nosso futuro.

O interrogador, olhando para o alto, enfatizou a última frase, como se transmitisse, através dela, sua inequívoca sabedoria. Após, com o olhar menos severo, encarou o homem idoso e, baixando o tom de voz, continuou...

- Não compreendemos sua atitude em relação àquela mulher. Nossas investigações comprovaram que ela se matou. Forjou o seu assassinato e o de seu capanga justamente para se tornar um emblema, um símbolo de uma época desvirtuada. Uma mulher que sabidamente não nascera para comandar, uma mulher que repudiava homens para fins de procriação! O senhor foi enganado, Prisioneiro 1453! Estamos lhe conferindo a oportunidade de se reconciliar com a verdade. Seu problema com a Nova Administração não é grave. Basta a retratação. Afinal o senhor colaborou conosco. Ou pelo menos não atrapalhou nossos propósitos, embora podendo, quando ainda éramos um movimento desacreditado. Como o senhor já sabe, Prisioneiro 1453, já controlamos o seu corpo e a sua vontade, precisamos apenas do seu espírito.

Novamente, aumentou a voz ao proferir a última frase, abrindo abruptamente os braços. Nesse ímpeto, derrubou o copo de água que o homem idoso devolvera à mesa. O vidro quebrou e o líquido se espalhou pelo tampo. O homem idoso encolheu-

se automaticamente, talvez para se resguardar de alguma agressão. O interrogador, porém, calmamente, retirou um lenço do bolso e secou parte da mesa.

- Não se preocupe, Prisioneiro 1453. Acidente causado por mim. Empolguei-me com a perspectiva de conquistar seu coração. Lamento por não podermos lhe servir mais água. Não há previsão no Regulamento para situações como essa. Mas, voltando, e seu assentimento? Não há registro de o senhor ser contra a Doutrina Consagrada ou desfavorável à Filosofia do Astro Mestre das Terras Virgens. O que lhe prejudica é sua participação nesse ato em memória daquela mulher. Mas é suficiente sua retratação para que retome sua liberdade. Em caso de recusa, infelizmente, mais um período de cela para reflexão. É o que prevê o Regulamento. Mas, veja, sim ou não. Não há meio termo. São desnecessárias justificativas.

O homem idoso balbuciou algo, sem se dar conta exatamente do quê. Queria apenas calar o som daquela voz incessante, cujas palavras transmitidas ele não entendia. Mas, visivelmente inquieto com a possibilidade de algum argumento surgir daquela boca desdentada, o interrogador gritou:

- Branco no preto, Prisioneiro 1453! Retratando-se, o senhor estará livre. Consinta, vamos!

Como que despertado de um sono leve, o idoso fez sinal de concordância com a cabeça. Precisava pôr termo imediatamente naquela ladainha. Porém não compreendia o alcance do seu gesto. E tampouco isso lhe importava. Só queria que a voz cessasse.

O interrogador dispensou agora um largo sorriso, e olhou na direção do que pareciam ser câmeras.

- Pronto! Não foi tão difícil, senhor *magistrato!* – expressou esta palavra com forçado sotaque. Agora o senhor é livre!

O agente que trouxera o idoso, também sorridente, agora com gestos medidos, quase

respeitosos, conduziu gentilmente - e isso também deveria estar previsto no Regulamento - o idoso para fora da sala...

...

No umbral da sala de interrogatórios, o homem idoso abruptamente se volta para o interrogador e protesta...

- Sabe do que me arrependo, seu burocrata nojento, petulante? De não ter feito nada quando ainda era possível. De ter me deixado seduzir pelo conforto, pelo hedonismo, se é que você sabe o que significa essa palavra, pelas condecorações inúteis... Da minha covardia e indisposição para o confronto é que resultaram estes tempos malditos. Noutra momento exerci papel similar ao seu, mas não percebia que funcionava como cão de guarda daqueles que hoje o manipulam. Um dia você será reduzido a um nada, como eu. Você, que foi meu aluno, e neste momento me recordo disso perfeitamente, deve se lembrar de quando tentei ensinar que a liberdade e a democracia exigem constante vigilância. Eu aprendi muito cedo a lição, porém jamais a pratiquei. Por isso meu duplo fracasso, pois você sequer a intuiu.

...

Primeiro abriu-se a portinhola da pesada e lúgubre porta de ferro, e, pelo ínfimo espaço aberto, atravessou o som da voz tonitruante:

- Prisioneiro 1453!

CLIQUE S O ANO TODO



“Mistófelis matando a sede”
Autor: B. G. da Costa Fontoura



“Sem título”. São Francisco, Califórnia (EUA)

Autor: Joana Carolina Lins Pereira





“Caminho”; Tiegarten (Berlim, Alemanha)
Autor: Lucas Soares



“O silêncio cortado pela charrete em Nova Iorque (EUA)”

Autor: Eduardo Gomes

MUDANÇA

Por Ara Cárita Muniz da Silva Mascarenhas



“A change is as good as a Holiday” foi o ditado citado por uma grande amiga Sul-Africana que tentava me consolar enquanto ouvia minhas queixas sobre transformações no ambiente de trabalho.

Bom, certamente, eu adoro férias. Nenhuma dúvida acerca disto. Mudanças? Daí eu já não sei. Na verdade, sei sim: eu as odeio. Profundamente. Afinal, o que se pode esperar de uma virginiana que adora ter controle sobre absolutamente tudo e encontra paz e alegria na previsibilidade?

Entretanto, pensando na analogia entre o conceito de “mudança” e o tão desejado momento de folga, passei a refletir um pouco mais sobre o assunto e lembrei de um filme a que assisti recentemente chamado “O quarto de Jack” (“Room”).

A trama é sobre uma mulher (Joy) que é feita refém por muitos anos, passando a viver trancafiada em um quarto, sujeita a todo tipo de abuso que se possa imaginar. Molestada, inclusive, sexualmente, ele engravida do agressor e tem um filho lindo chamado Jack. No intuito de poupá-lo de maior sofrimento emocional, Joy transforma esse quarto, que, em verdade, era seu cárcere, num ambiente lúdico (acreditem!), enfeitando-o com desenhos feitos por Jack. O vazio e austeridade do ambiente é preenchido com muito amor e histórias contadas para embalar o sono daquela criança, que enxerga ali um abrigo seguro e feliz.

Num determinado dia, eis que surge uma raríssima janela de oportunidade na vida de Jack: fugir enrolado num tapete em um caminhão. Para assegurar-se do sucesso da empreitada, Jack treinou, repetidas vezes, a manobra de manter-se estático, dentro do tapete, respirando suavemente, de modo a passar

desapercebido. É claro que tudo podia dar errado. Qualquer imprevisto e o plano iria por água abaixo. Mas o garotinho se mostrou extremamente corajoso, mesmo em circunstâncias tão adversas.

O aspecto que mais me tocou neste filme foi o momento em que o plano foi posto em ação (a partir de agora, aviso que haverá *spoiler*). Nesta hora, Jack titubeou por alguns instantes. Não porque temia que o plano desse errado (o que seria, acredito, o receita de qualquer um), mas, precisamente, porque iria sentir saudade do quarto. Afinal, sob a sua perspectiva, aquele era um ambiente seguro e conhecido. Já o mundo lá fora? O que esperar? E aqui fica claro para nós, espectadores, como o medo pode realmente embotar nossa noção do “bom” e do “ruim”.

Ao final, o filme deixa antever os problemas psicológicos enfrentados por Jack após a libertação, o que, de fato, é bem compreensível. Todavia, o drama possui um tom esperançoso, ao menos esse foi o meu sentimento. E percebi que o medo da mudança pode ser extremamente traiçoeiro. É incrível como somos capazes de nos agarrar com unhas e dentes a uma situação claramente desfavorável apenas por temer sair de nossa zona de conforto.

Realmente, acho que minha amiga tem razão: a mudança pode ser tão bem-vinda quanto umas boas férias. Afinal, a mudança é uma oportunidade para recomeçar e perceber que o *status quo* talvez seja, em verdade, um cárcere, que nos priva de viver experiências fantásticas. Que tenhamos a mesma coragem e obstinação de Jack!



AJUFE

Associação dos Juizes Federais do Brasil

ACESSE AS REDES SOCIAIS DA AJUFE:



/AJUFE.OFICIAL



/AJUFE_OFICIAL



/AJUFE.OFICIAL



/TVAJUFE



/AJUFE_OFICIAL

WWW.AJUFE.ORG.BR

SHS Quadra 6, Bloco E, Conj. A, salas 1.305 a 1.311
Brasil 21, Edifício Business Center Park 1
Brasília (DF) – CEP 70.322-915
Telefone: (61) 3321-8482